

A questão do índio no Brasil contemporâneo

Link para o vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=Kk8KAKh51BQ>

- Os povos indígenas brasileiros enfrentam atualmente riscos mais graves do que em qualquer outro momento desde a adoção da Constituição de 1988.

“Ser indígena, hoje, é saber que cada manhã vai ser de luta, persistência e coragem”

Giselda Pires de Lima, da etnia Guarani, professora de Ensino Fundamental, 36 anos

- “Os desafios enfrentados por muitos povos indígenas do Brasil são enormes. As origens desses desafios incluem desde a histórica discriminação profundamente enraizada de natureza estrutural, manifestada na atual negligência e negação dos direitos dos povos indígenas, até os desdobramentos mais recentes associados às mudanças no cenário político”

Link para o vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=y_tKDCBimTQ

Na tão lembrada Carta de Pero Vaz de Caminha, o escrivão mais famoso da nossa história contava sobre a presença de um povo que, sob os olhares europeus de soberania, precisava ser civilizado: os índios. Estamos enganados, porém, se pensamos que não herdamos esse olhar, e que convivemos com esse povo de maneira diferente. **Nossos colonizadores fizeram o trabalho sujo do genocídio, mas nós contribuímos para que a situação não pudesse ser revertida. Os povos indígenas, então, uma vez despidos de voz e terra, continuam, dia após dia, sendo dizimados.** É preciso fazer o caminho inverso ao que trilhamos um dia e repensarmos a nossa posição de soberania.

- Na 1ª Geração do Romantismo, no século XIX, criou-se uma imagem do índio de forma heroica na poesia, a fim de associá-la à construção de um sentimento nacionalista no Brasil. No entanto, nota-se que tal imagem é superficial e, em verdade, foi consolidada apenas no plano literário e não no âmbito social, uma vez que o índio, na contemporaneidade, muitas vezes, ainda é marginalizado e até esquecido pela população. Neste sentido, faz-se preciso reavaliar seu espaço e importância nos dias atuais, visto que a cultura indígena é parte constituinte de nossa identidade.



- Primeiramente, o reflexo histórico contribuiu para que os índios perdessem seu espaço e fossem subjugados pelo uso da violência. É sabido que desde o século XVI, momento em que começa o processo colonizador no Brasil, a imposição de portugueses sobre os nativos se deu a partir da opressão: a sobreposição do catolicismo sobre as religiões já existentes, a exploração da natureza para fins comerciais e a imposição da língua portuguesa sobre as variações linguísticas indígenas. Essas ações acarretaram no contínuo extermínio acerca de sua cultura e, inclusive, fizeram com que, hoje, alguns cidadãos tenham uma visão estereotipada e, até, folclórica desses grupos.

- Em primeiro lugar, é necessário encarar o fato de que nós, os brasileiros do século XXI, ainda pensamos como os portugueses do século XVI quando subjugamos a cultura indígena, considerando-os selvagens e colocando em segundo plano a sua participação na sociedade. Desse modo, nos colocamos como centro, e a eles como bárbaros, mais de 300 anos após a colonização. Prova disso é o fato de classificarmos, popularmente, nossa língua como oficial, enquanto as deles são dialetos, assim como a nossa cultura é classificada rica e civilizada, enquanto a deles é considerada folclore por muitos de nós.

- A questão cultural não é, contudo, o único problema. Além de tudo, os índios brasileiros ainda têm de lutar pela terra. Isso porque a bancada ruralista do nosso país vem tomando terras indígenas para alocar sua atividade comercial – a agricultura e a pecuária.

- Essa situação vem dizimando muitas tribos e impedindo o avanço de qualquer tentativa do governo brasileiro ou de ONGs que atuem na causa indígena, de assegurar o direito de existência desses povos. Há alguns anos escutamos falar da tribo Guarani-Kaiowá, que é um dos inúmeros exemplos de tribos indígenas que perderam grande parte das terras e que ainda realizam trabalho escravo nos grandes latifúndios dos ruralistas Brasileiros como tentativa de sobrevivência.

O que preocupa os indígenas

- A paralisação das demarcações de terras por parte do governo; desde abril de 2016 nenhuma terra é demarcada; há 72 aprovadas esperando homologação do presidente Michel Temer.
- O enfraquecimento das instituições e políticas públicas indigenistas: a Funai (Fundação Nacional do Índio) teve cortes de unidades e de funcionários.

- As proposições legislativas anti-indígenas que tramitam no Congresso: um exemplo é a PEC 215/2000, que dá ao Legislativo o poder de homologar terras de demarcação.
- A tese do “Marco Temporal”. Segundo esse entendimento, só devem ser consideradas Terras Indígenas áreas em posse de comunidades indígenas em outubro de 1988, na promulgação da Constituição.

- Em março, Osmar Serraglio, o ministro da Justiça - pasta responsável pela demarcação no Brasil -, deu uma declaração que acirrou a discussão entre indígenas, ruralistas e o governo. Serraglio disse em entrevista ao jornal “Folha de S.Paulo” que “terra não enche a barriga de ninguém”. A frase desagradou a grupos indígenas e ONGs, que a classificaram como vergonhosa e uma declaração de guerra.

- O direito à terra por parte dos indígenas está previsto na Constituição de 1988 e regulamentado por um decreto de 1996 que estipula o rito da demarcação. Esse rito está sendo questionado e discutido em 2017. E ele envolve, entre outras coisas, o reconhecimento de uma cultura indígena atrelada à terra. Ou seja, exige o reconhecimento de uma identidade.
- As culturas das 305 etnias indígenas do Brasil, que perfazem uma população de mais de 800 mil pessoas, são muito diversas e, ao longo do tempo, incorporaram elementos de culturas não indígenas, o que gera questionamentos sobre o que é ser índio.

MANIFESTAÇÃO EM BRASÍLIA – ABRIL/2017



Link para o vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=vVVKv14URQ>

- Pensando nisso, a ONG Instituto SocioAmbiental lançou em março a campanha “Menos Preconceito, Mais Índio”. A organização fez um vídeo e uma provocação: “se você não é mais igual aos seus tataravôs e não tem sua identidade questionada por isso, por que os índios não podem também mudar e ainda assim continuar a ser índios, com todos os seus direitos respeitados?”

- Entrevista com os professores de Antropologia da USP, Pedro Cesarino e Renato Sztutman.

Por que o senso comum nega aos indígenas sua identidade quando eles incorporam hábitos e tecnologias não indígenas ao seu dia a dia?

Pedro Cesarino- O senso comum desconhece a noção de cultura, que é um processo contínuo de transformação. Os povos indígenas sempre incorporaram hábitos e tecnologias seja uns dos outros, seja de sociedades vizinhas como os Incas, com os quais algumas etnias da Amazônia ocidental estabeleciam contato antes da invasão dos europeus.

- Toda cultura é por definição aculturada, isto é, resultado de um processo contínuo de apropriação de conhecimentos e práticas alheios. O senso comum pode até se dar conta de que tal processo acontece com a sociedade brasileira, que é mais brasileira quanto mais incorpora hábitos orientais, europeus ou africanos. Mas não quando se trata das sociedades indígenas. A ótica colonialista corrente imagina que índios são espécimes de museus, que devem permanecer sempre congelados para, quem sabe, merecerem os seus direitos. Esquece-se assim de que os índios são pessoas reais, dotadas de tradições dinâmicas que, assim como outras tantas, são sempre traduções.

Renato Sztutman - O "senso comum" - que expressa os valores da sociedade dita "moderna" - precisa manter os índios no passado. Sempre foi assim. Os índios são parte da pré-história do Brasil. Esse foi o jeito que o Ocidente encontrou para "amar" os índios.

Veja-se o tão famoso indianismo na literatura brasileira. Índio "bom" é o índio suficientemente distante - no tempo, mas também no espaço. São índios "de verdade" os Tupinambá da época da Conquista, nos séculos 16 e 17, que chegam a nós pelos relatos de viagem e continuam a povoar nosso imaginário com seus lampejos de antropofagia.

- Não são índios "de verdade", sob esta ótica, os Guarani (plenos falantes de outra língua tupi-guarani) espalhados por um vasto território que vai do Mato do Grosso do Sul passando por toda a costa Sul e Sudeste, uma vez que vivem na cercania de grandes cidades, comem comida de brancos, usam roupas, fazem uso de diferentes tipos de tecnologias.

- A valorização do índio é, portanto, imprescindível para alterar o cenário vigente. Para reverter os pré-conceitos sobre os nativos, a Escola faz-se importante na formação social do indivíduo, por isso, aulas de sociologia e história são imperativas para promover o debate e aguçar a visão crítica nos jovens. Ademais, a mídia, fazendo uso de seu impacto persuasivo pode trabalhar com campanhas de conscientização, em parceria com a FUNAI, a fim de trazer conhecimento e informação ao público. Com o intuito de assegurar a proteção às terras, é dever do Governo demarcar as áreas destinadas aos índios e punir aqueles que tentarem burlar a lei e ferir os direitos humanos com o uso da violência. Só assim, garantiremos aos indígenas o seu verdadeiro espaço e evitaremos a falsa construção de uma sociedade que só valoriza os povos originários de nosso país na Literatura.

